

Festival Internacional de Electroacústica Música Viva 2003

www.misomusic.com

misomusic@misomusic.com

18 de Setembro de 2003 – 19:00
Coimbra – Museu dos Transportes

CONCERTO

Pedro Carneiro
PERCUSSÃO

Programa

Ricardo Climent - *A Gravidade Liberta*
(marimba, electrónica) - **estreia absoluta**

Paul Wilson - *Without Words*
(percussão, electrónica) - **estreia absoluta**

João Pedro Oliveira - *Lâminas Liquidas*
(marimba, electrónica) - **estreia absoluta**

Pedro Amaral - *Post Scriptum*
(marimba, electrónica) - **estreia absoluta**

Jarmo Sermila - *Urbanology*
(marimba, electrónica) - **estreia em Portugal**

Kaija Saariaho - *Six Japanese Gardens*
(percussão, electrónica) - **estreia em Portugal**

INTÉRPRETE

Pedro Carneiro

(...) Pedro Carneiro, que, tirando casos evidentes como o de Maria João Pires, é actualmente o intérprete português com maior projecção internacional.

Teresa Cascudo, O Público (Abril 2001)

(...) Pedro Carneiro, um intérprete notável e carismático, tocou de uma forma colossal (...). O que mais me impressionou foi a sua forma incrível de variar a dinâmica, produzindo desde oceanos de sons profundos até ao sussurrar mais distante. (...) "Rebonds B" (...) demonstrou mais uma vez o talento quase sobre-humano de Pedro Carneiro.

Peter Mechen, New Zealand Music Reviews (Março 2002)

(...) Foi um toque de mestre para terminar a actuação fabulosa de Carneiro.

Rian Evans, Guardian de Londres (Janeiro 2002)

Pedro Carneiro é considerado pela crítica internacional como um dos músicos mais originais da nova geração. Vencedor de inúmeros prémios (Prémio Jovens Músicos, Prémio Maestro Silva Pereira, Park Lane Young Artists Auditions em Londres, Distinção do Orfeão de Leiria, Medalha de Mérito da Cidade de Setúbal e Prémio da Hattori Foundation for Young Musicians em Londres) participa regularmente em festivais e salas como no Festival d'Avignon, Concertos Promenade da BBC, Rhythmsticks Festival, Queen Elizabeth Hall e Purcell Room em Londres, Festival Internacional de Música de Macau, Sonorities Festival em Belfast, New Zealand International Festival of the Arts, Grant Park Music Festival de Chicago e no Capital Theatre de Pequim.

Como concertista é convidado regular de diversas orquestras, como a London Mozart Players, Tampere Philharmonic Orchestra, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra de la Comunidad de Madrid, Orquestra Nacional da Estónia, BBC National Orchestra of Wales e Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo.

COMPOSITORES

RICARDO CLIMENT

"Para um compositor, é necessário apreender as ambiências e a envolvimento do nosso *mundo sonoro* de uma forma única e pessoal, para que a música seja, então, distinta" Ricardo Climent nasceu em Valência, Espanha em 1965. Em 1997, completou um MA em "Tecnologia Musical" e um PhD em "Composição" na Queen's University, em Belfast. Actualmente é Professor de "Tecnologia Musical" e Investigador no Sonic Arts Research Centre (SARC). Os seus trabalhos que abarcam formações diversas, desde as peças electroacústicas sobre suporte até às composições para grandes efectivos instrumentais envolvendo o uso de meios electrónicos, têm sido apresentados na Europa, América e Extremo Oriente. Os seus interesses como investigador centram-se na utilização da electrónica em tempo real de forma interactiva.

Trabalhos recentes incluem uma encomenda do Instituto Valenciano de la Musica em Espanha e uma bolsa da UNESCO-Aschberg para um Residência no Conservatório Las Rosas, no México. Durante 2003-04 prestará serviço como Compositor Residente com a Orquestra Jove De La Generalitat Valenciana, em Espanha.

A Gravidade Liberta

As baquetas influenciam o timbre da marimba, dependendo não só do peso ou da dureza do núcleo central, do tipo e espessura do furo, como ainda da firmeza

revestimento. Pode igualmente revelar-se útil otimizar o timbre de cada parte do instrumento. As novas tecnologias com sensores permitem ampliar o potencial das baquetas na busca de novos timbres, por exemplo, quebrando a lei natural de uma batida através do controlo dinâmico do envolvimento do som no processo de leitura e interpretação das forças de gravidade da batida e da alteração da posição das baquetas em tempo real. A transformação dos parâmetros musicais pela análise do comportamento das baquetas abre um novo espectro / caminho criativo quer ao compositor, quer ao intérprete, proporcionando possibilidades únicas na expressão e exploração das texturas. A “coreografia das mãos” tem então implicações suplementares nos resultados musicais, que se envolvem dramaticamente em contrastantes cenários sonoro-pictóricos num projector de slides.

“*A Gravidade Liberta*” é dedicado ao percussionista e compositor Pedro Carneiro.

PAUL WILSON

Paul Wilson obteve o seu PhD em composição na Queen’s University de Belfast onde trabalha actualmente como professor de Tecnologia Musical. As suas composições incluem o uso de recursos tanto instrumentais como electrónicos e têm sido tocadas pela Orkest de Volharding, Barrie Webb, Steve Halfyard e pela National Symphony Orchestra of Ireland.

Em 2002 recebeu um prémio do XXIV Concorso Internazionale Luigi Russolo Di Musica Electroacustica pela sua peça Spiritus, a qual foi recentemente seleccionada para uma performance na International Computer Music Conference em Singapura.

Without Words

A minha ideia inicial para esta peça, consistia em explorar métodos de sustentar o som de uma marimba. Para começar, tentei que o som se comportasse de forma similar à emissão vocal de uma linha melódica contínua. Esta ideia gerou uma variedade de material musical e ajudou, lentamente, na definição da relação entre as partes instrumentais e electrónicas.

A parte da marimba é extremamente activa ao longo de toda a peça, incorporando figurações virtuosas, padrões impulsivos e erráticos e ostinatos. No entanto, enredada nestas texturas, encontra-se uma linha melódica subjacente. A parte electrónica funciona como ressonância e prolongamento desta linha através de processos de “morphing” entre o timbre da marimba e da voz.

Os sons mais dinâmicos, tais como, madeira a partir, pedras e berlines dentro de um piano e tijolos a arrastar numa superfície concreta, revelam, com uma sucessão retórica de pequenos ruídos, a forma como os ritmos se encontram em certas palavras ou frases.

Tudo isto oferece um contraste e uma articulação, a uma linha melódica mais sustentada.

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

João Pedro Oliveira iniciou os seus estudos de música como aluno do Centro de Estudos Gregorianos, tendo continuado o seu trabalho no Instituto Gregoriano de Lisboa. A partir de 1978 começou a dedicar-se à composição e, de 1985 a 1990, esteve nos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Comissão Cultural Luso-Americana, tendo estudado no Brooklyn College e na Universidade de New York em Stony Brook, onde concluiu dois Mestrados e um Doutoramento em Música. Várias das suas obras têm recebido prémios nacionais e internacionais. Entre estes, salienta-se o 1º Prémio no Concurso Joly Braga Santos nos anos de 1992, 1994 e 1995, o 1º Prémio do Concurso Internacional Alca III, o 1º

Prémio no Concurso Lopes-Graça, o Prémio Trivium do Concurso de Música Electroacústica de Bourges, e o 1º Prémio no Concurso Earplay2003. A maioria das suas obras foram encomendadas por instituições nacionais e estrangeiras e encontram-se editadas em CD. É Professor Catedrático na Universidade de Aveiro, onde ensina Composição e Música Electrónica.

Lâminas Líquidas (2002)

Imaginemos uma marimba cujas lâminas fossem construídas com um material não sólido. Imaginemos que esta marimba poderia produzir som. Imaginemos que o toque das baquetas no instrumento, o fazia mudar de forma, oscilar, ressoar de diferentes maneiras, e até mesmo desconjuntar-se, ou destruir-se. Por último, imaginemos ainda que o executante e o instrumento teriam o dom da ubiquidade e que poderiam desdobrar-se em dois ou mais, para fazer polifonias mais complexas, tocar contra si próprios, jogar musicalmente entre si. Fisicamente tudo isto é impossível, mas esta peça tenta imaginar e reproduzir o que acima se descreveu. Lâminas Líquidas é dedicada ao Pedro Carneiro que, pelo seu virtuosismo, quando toca quase consegue ter o dom da ubiquidade.

PEDRO AMARAL

Nascido em Lisboa, em 1972, Pedro Amaral estudou na Academia dos Amadores de Música de Lisboa, no Instituto Gregoriano e, mais tarde, na Escola Superior de Música de Lisboa. Foi aluno de Fernando Lopes-Graça e de Christopher Bochmann, tendo terminado o curso de composição em 1994. No mesmo ano instala-se em Paris, ingressando no Conservatório Superior daquela cidade, onde estuda sob a orientação de Emmanuel Nunes, tendo para tal obtido uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Conclui o curso em Outubro de 1998, com a obtenção do *Primeiro Prémio por unanimidade do júri*. No ano seguinte segue no IIRCAM o curso anual de informática musical na sequência do qual compôs, nos estúdios daquele Instituto, *Transmutations*, para piano e electrónica em tempo real, estreada em Paris, em Setembro de 1999. Posteriormente escolhida para representar Portugal na Tribuna Internacional de Compositores da Unesco, *Transmutations* foi sucessivamente transmitida por diversas estações de rádio em todo o mundo, tendo ainda sido tocada ao vivo em Portugal, França, Alemanha e Japão. À sua actividade como compositor são paralelos trabalhos teóricos que conduziram, nomeadamente, à defesa de uma tese de mestrado sobre *Gruppen*, de Karlheinz Stockhausen (1997/98), na qual obteve a mais alta classificação do seu ano. Apoiado por uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia, prosseguiu em seguida os seus trabalhos doutorais com uma tese sobre *Momento* e a problemática da forma na música Europeia dos anos 1950 e 1960 – tese que defendeu em Paris, em Janeiro de 2003, obtendo novamente a mais alta classificação universitária. Pedro Amaral estudou direcção de orquestra com Emilio Pomárico e Peter Eötvös. A convite deste último, foi compositor residente na Herrenhaus Edenkoben, na Alemanha, entre Fevereiro e Junho de 2001, após o que apresentou diversos concertos com obras suas, alguns dos quais sob a sua direcção, promovidos e difundidos pela Südwestrundfunk e pela Hessischer Rundfunk. Obteve diversas encomendas da Fundação Calouste Gulbenkian, do Festival Internacional de Música de Macau e do Porto 2001, entre outras. Destaque-se, neste contexto, a encomenda de *Organa*, para ensemble e electrónica em tempo real, numa coprodução entre o Porto 2001 e o IRCAM. A obra foi estreada em Portugal pelo Ensemble Recherche tendo sido sucessivamente apresentada em Espanha e na Alemanha por diferentes ensembles sob a direcção do compositor. A versão mais recente foi estreada em Setembro último na WDR, em Colónia, pelo ensemble musikFabrik sob a direcção de Franck Ollu. Uma nova versão, mais ampla, será dada em concerto no Porto e em Lisboa em Dezembro próximo pelo Remix Ensemble sob a direcção do mesmo maestro. De entre os concertos programados para o próximo ano, destacam-se, nos Estados Unidos, a apresentação de *Organa* pelo International

Contemporary Ensemble, bem como do seu recente *Quarteto de Cordas* pelo Quatuor Parisii, no Museu de Arte Moderna de Los Angeles. Pedro Amaral é actualmente *compositeur en recherche* no IRCAM. Agraciado pela Académie de France à Rome, Pedro Amaral irá residir na Villa Medici até finais de 2005.

Post Scriptum

Em meados do ano 2000 foi-me encomendada pela Câmara Municipal de Matosinhos, e por iniciativa de Manuel Dias da Fonseca, uma obra para Marimba e electrónica em tempo real – obra a que dei o título de **Script**. Seis meses mais tarde terminei uma primeira versão da partitura instrumental, tendo esboçado uma série de indicações precisas sobre a parte electrónica que, apesar de tudo, pela urgência de outros trabalhos, nunca chegou a ser completada. Entretanto iniciei, em Janeiro último, os meus trabalhos como *Compositeur en Recherche*, no **IRCAM**, trabalhos esses que me levaram a reformular toda a concepção electrónica que tinha inicialmente imaginado para **Script**. Essa reformulação da electrónica, por seu lado, obrigou-me também a modificar uma parte substancial da própria escrita instrumental – porque numa obra para instrumento e computador em tempo real, tal como a entendo, há que estabelecer uma dialéctica constante entre as duas dimensões, e não é possível transformar substancialmente uma sem tocar na outra. Neste momento uma única parte da obra está concluída – por outras palavras: um único fragmento encontrou para já um equilíbrio estável entre a escrita instrumental e os meios electrónicos. Por ironia do destino, esse fragmento corresponde à última parte da obra, a que chamei **Post Scriptum**. Esse fragmento corresponde a um estudo sobre a “frase”, as diversas etapas da sua formulação e as diversas perspectivas e tempos de leitura possíveis. Na partitura deparamos com uma série de parêntesis (redondos, rectos) que correspondem a variantes de enunciação, sendo inicialmente omitidos pelo intérprete, numa primeira leitura, e progressivamente integrados. O ouvinte assiste, deste modo, ao longo de 4 leituras consecutivas e ininterruptas da mesma página (leituras de cada vez mais completas e complexas), à própria construção do sentido; um sentido que – como em certas frases de Proust –, à medida que a proposição se desenvolve, ao mesmo tempo se concretiza e se desdobra, se especifica e se enriquece. Quanto à parte electrónica, nela são paralelamente exploradas as mais diversas variantes do “sentido tímbrico” que, partindo das características do instrumento solista, se desdobra permanentemente, fazendo também desdobrar-se o sentido harmónico, polifónico e temporal. Para cada zona do registo da Marimba Baixo, estabeleci assim uma escala tímbrica que nos aproxima ou nos afasta, segundo determinados critérios, das características acústicas de base. **Post Scriptum** foi realizado em colaboração com o **IRCAM**.

JARMO SERMILA

Nasceu em 1939. Estudou composição com Joonas Kokkonen na Academia Sibelius em Helsínquia. Simultaneamente estudou Musicologia na Universidade de Helsínquia. Em 1975 recebeu o seu diploma em composição e concluiu o seu Mestrado em Artes. Para além do seu percurso académico estudou em particular com Frantisek Kovar em Praga. Sermila compôs música para ballet e obras para orquestra, mas principalmente música de câmara e música electroacústica. Nas suas obras mais recentes, usa a atonalidade como principal ferramenta, mas nunca no seu sentido estrito ou na sua forma serial. Devido ao seu grande interesse pela música de Edgard Varèse deixou de usar por completo a tonalidade. Teve desde sempre interesse na compreensão das diferentes percepções do ritmo no espaço.

Na década de 70 foi director do “Finnish Music Information Center”. Durante o mesmo período foi co-fundador e director artístico do “Experimental Music Studio” da “Finnish Broadcasting Company”. Desde 1981 é vice-presidente da “Finnish Composer’s

Society”. Entre 1994-99 foi o vice-presidente do escritório de direitos de representação Filandês, *Teosto*; e entre 1987-99 foi director artístico do festival de música anual, *Time of Music* em Viitasaari, na Finlândia. Entre 1999-2000 foi coordenador de programa do “Nordic Music Days” em Setembro na Finlândia. Desde 2001 que foi convidado a integrar o comité de música estatal do Ministério da Cultura. No entanto trabalha como compositor independente e dirige a sua editora e produtora de música.

Urbanology

Acerca desta peça, tenho de puxar pela memória para saber de que se tratava. Nunca escrevi notas desta peça, mas sei pelo menos que toda a “suite” foi escrita para intérpretes improvisadores, cujos instrumentos e número podem ser quaisquer uns. Claro que cada um pode fazer o que bem entender, mas se bem me lembro, foi normalmente tocada por instrumentos ou vozes antes da fita começar. É a tentativa de conseguir uma disposição calma e quando a fita começa (alguém dá a entrada), os músicos começam a tocar uma espécie de contraponto com a fita, que está quase totalmente na tonalidade de si bemol maior, não implicando no entanto uma improvisação nessa tonalidade. No seu decorrer há um crescente de fúria, mas a última percussão no tímpano deve ser sozinha. A “suite” inclui 7 movimentos que tentam revelar diferentes aspectos da vida urbana. Esta é a razão pela qual o som do mundo é tão rude, foi criado pelos primeiros computadores de 64kb no início dos anos 80, portanto para o bem do contraste não é proibido tocar algo belo, afinal há momentos bonitos na vida urbana!

KAIJA SAARIAHO

A compositora finlandesa Kaija Saariaho, nascida em 1952, vive e trabalha em Paris desde 1982. Estudou composição sob a supervisão de Paavo Heininen na Sibelius Academy e posteriormente com Brian Ferneyhough e Klaus Huber, na Musikhochschule em Freiburg, obtendo aí o seu diploma em 1983. Em 1982 frequentou também cursos de música assistida por computador no IRCAM em Paris e desde então os computadores passaram a desempenhar uma função-chave na sua técnica de composição. Em 1986 é premiada com o “Kranichsteiner Preis” nos cursos de verão de Darmstadt, e em 1988 recebe o prémio “Prix Itália” pelo seu trabalho *Stilleben*. Em 1989 *Stilleben* e *lo* receberam o prémio Ars Electronica. Mais recentemente, em 2000, Kaija Saariaho recebeu duas distinções: o Nordic Music Prize (por *Lohn*) e o Stoeger Award, em reconhecimento dos proeminentes serviços prestados à música de câmara. Obteve o reconhecimento internacional com peças que incluem *Verblendungen* (orquestra e fita, 1982 – 84), *Lichtbogen* para música de câmara e electrónica (1985 – 96), *Nymphéa* (1987) para quarteto de cordas e electrónica (uma encomenda do Lincoln Center para o Kronos Quartet), e ainda com dois trabalhos orquestrais interligados: *Du Cristal* e ... *À La Fumée*, estreados em 1990 e 1991 ambos em Helsínquia e Los Angeles. Saariaho colaborou igualmente numa grande diversidade de produções multimédia, tais como o ballet *Maa* (1991) e o CD-Rom (*Prisma*) sobre a sua vida e obra. Trabalhos mais recentes incluem um Concerto para Violino, *Graal Théâtre*, para Gidon Kramer, estreado no “BBC Proms” de 1995, e duas peças para Dawn Upshaw: um ciclo de canções orquestrais *Château de l’âme*, estreado no Festival de Salzburg em 1996, e um ciclo de canções solo, *Lohn* para soprano e electrónica, estreado em 1996 no Wien Modern Festival. Em 1999 Saariaho terminou um trabalho de primordial para Coro e Orquestra, *Oltra Mar*, que se estreou pela Filarmónica de Nova Iorque e Kurt Masur em 11 de Novembro de 1999, como parte das encomendas da série *Millenium*. Estes três últimos projectos conduziram ao seu trabalho seguinte: a sua primeira ópera, *L’Amour de Loin*. Uma encomenda do Festival de Salzburg e do Théâtre du Châtelet Em 2001 Kaija Saariaho é premiada com o Belf Sjöbeck Prize (Suécia) e com o Koeko Prize (Alemanha). A

música de Saariaho está disponível através das editoras Ondine, Wergo, Neuma e BIS.

Six Japanese Gardens

Six Japanese Gardens é um conjunto de impressões que retive dos jardins que visitei em Kyoto, aquando da minha estadia no Japão no verão de 1993; é também o resultado das minhas reflexões na altura acerca das questões do ritmo.

Como o título sugere, a peça divide-se em seis partes. Cada uma delas faz uma abordagem específica ao material rítmico, começando de modo simplista na primeira parte, em que se apresenta a instrumentação base, e desdobrando-se depois em polirritmos complexos ou ostinatos, ou ainda na alternância entre o ritmo e materiais puramente “colorísticos”.

A selecção dos instrumentos interpretados pelo percussionista é voluntariamente reduzida de forma a dar espaço à percepção das evoluções rítmicas. Igualmente, as cores reduzidas são estendidas pela parte electrónica, na qual podemos ouvir sons da natureza, cantos rituais e instrumentos de percussão gravados no Kunitachi College of Music com Shiniti Ueno. As secções electrónicas são “disparadas” a partir de um computador Macintosh, durante a peça, pelo próprio percussionista.

Todo o material pré-gravado foi processado e misturado com um computador Macintosh no meu estúdio caseiro. Algumas transformações foram feitas com filtros ressonantes do programa CHANT, e com o SVP. Este trabalho foi realizado com Jean-Baptiste Barrière. A mistura final foi feita no programa Protools e com a assistência do Hanspeter Stubbe Teglbjaerg.

Esta peça foi encomendada pelo Kunitachi College of Music e composta para Shiniti Ueno.